

A OUTRA VIDA NO MITO ÓRFICO-PITAGÓRICO

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

A Junito Brandão,
In memoriam.

I – BREVE NOTÍCIA SOBRE MITO

Religião é a reatualização e também a ritualização do MITO. Dessacralização é o MITO em o seu conteúdo, empregado como um símbolo. Desmitificação ocorre quando se acredita na essência do MITO; é o próprio MITO com o seu conteúdo.

Na Grécia, pelo menos até o século VII a.C., não houve contestação do MITO. A partir daí se passou a contestá-lo, sendo o primeiro a fazê-lo o poeta XENÓFANES. O segundo contestador foi o estudioso EFÊMERO, no século IV a.C., que dizia que um Deus não era outra coisa senão um homem deificado pelos próprios homens.

HESÍODO, poeta grego nos fins do século VIII a.C., procurou ordenar a religião grega. Escreveu *Trabalhos e Dias* e a *Teogonia*. Nesta obra engendrou a genealogia dos Deuses, mostrando que eles possuem uma família mítica. Chegou ao *antropomorfismo*, isto é, concebeu a forma humana para os Deuses, estabeleceu funções para os mesmos, criando para cada um deles um determinado significado mítico, demonstrando ser cada um deles um MITO.

Entendemos por MITO uma história verdadeira, passada ou realizada em tempos primordiais, “in illo tempore” ou num tempo sem tempo e com a intervenção do sobrenatural, gerando uma cosmogonia. Em outra palavras, usando-se o pensamento de C. Lévi-Strauss, MITO é um instrumento que tenta explicar antinomias inconciliáveis, não havendo efeito sem causa.

O MITO existiu e existe em qualquer parte e em qualquer época.

Na Antiguidade, vemo-lo presente em todas ou em quase todas as atividades da vida humana, ora tentando explicar a História, ora simbolizando a própria vida. Nas situações hodiernas, ele também se faz notar, procurando falar das leis que se conciliam na natureza em seu sentido genérico e nunca existindo sem antes ter havido uma causa que o pudesse gerar.

II – A CONCEPÇÃO DO “DEPOIS” DA VIDA

A concepção humana está sempre ligada ao que vem “depois”.

A religião da morte parece preceder a todas as outras. O homem, me-ro episódio na eternidade da vida, possui a crença da imortalidade da alma e igualmente da reencarnação dos espíritos, através de muitas maneiras de purificação ou catarse.

Na Grécia, o problema era apresentado sob a forma de um κόσμος, “kósmos” (= ordem universal). Se existe uma ordem, existe um ordenador; se há um ordenador, a maior ordem universal é a natureza humana, que é participante desse ordenador universal. O homem só pode ser feliz em Deus e terá de retornar e retornar até quitar os seus carmas e encontrar-se com Deus e em Deus.

Partindo desses princípios, a concepção na outra vida na Grécia era muito variada, consoante o pensamento de seus filósofos. Todas as Filosofias, no entanto, possuíam o denominador comum supra referido.

A outra vida era um vasto abismo, encravado nas entranhas da Terra, onde se achavam o HADES, o ORCO, o ÉREBRO e o TÁRTARO.

O grego ao morrer, a primeira preocupação dos que ficavam era a de fechar-lhe os olhos, a fim de o mesmo poder abri-los na outra vida. A seguir, cortava-se-lhe uma mecha de cabelo, para mostrar que todas as virtudes ficavam. A terceira providência era dar-lhe um banho e finalmente enterrá-lo. Os pitagóricos eram enterrados nus, e sempre com a cabeça para cima.

Pela água, purificava-se a casa do morto, evitando-se o mau contágio para os que a visitavam.

Havia um banquete, ao qual todos compareciam para prestigiar a lembrança e a recordação do morto. Todos assistiam a ele, incluindo-se o morto, em forma plástica.

Hermes era o deus que conduzia as almas, para que se não perdessem no caminho, tendo o epíteto de “psicopompo”. Usando um caduceu, levava as almas até os rios Cocito = rio dos gemidos, Estige = rio glacial, Aqueron-te = rio que rola dores, e Piriflegetonte = rio que rola chamas (purificação pelo fogo). Eram chamados de rios de estrada. O rio de retorno era chamado Letes (ou de esquecimento de tudo da outra vida). O barqueiro que conduzia as almas por esses rios era um velho denominado Caronte.

Atravessados os rios, as almas eram julgadas por três juizes: Éaco, Radamanto e Minos. Uma vez julgadas, iam para o Tártaro as irrecuperáveis por toda a eternidade e que eram torturadas pelas Erínias: Aletó, Tisífone e Megera; para o Érebro, as recuperáveis: para os Campos Elísios, as bem recuperáveis. Do Érebro e dos Campos Elísios partiam para a reencarnação

progressiva. As almas que quitassem todos os seus carmas iam para a Γαλατεία, Galatéia (Via Láctea) ou o mergulho na ordem universal.

Os mortos que não fossem sepultados não passavam por essas catarse e ficavam vagando durante cem anos, para depois serem julgados.

III – O ORFISMO

Orfeu, filho de Apolo com a musa Calíope, (segundo alguns), foi o fundador do ORFISMO. Orfeu era poeta e músico e a sua religião – o ORFISMO – era uma cartarse musical e capaz de hipnotizar multidões, o que constituía a essência de sua doutrina.

Dentre as lendas relativas a Orfeu, a mais célebre refere-se à sua união com a ninfa Eurídice. Quando esta morreu, o músico desceu aos infernos para buscá-la e, emocionando as divindades infernais com o seu canto, obteve consentimento de trazê-la de volta. Tinha, entretanto, que respeitar uma condição: não poderia olhá-la antes de atingir a luz. Mas Orfeu, no retorno do mundo infernal, não mais podendo resistir, voltou-se para ver a sua amada e então, imediatamente, uma força arrebatou-lhe Eurídice, sendo condenado a viver sozinho na Terra.

Historicamente, era uma sociedade secreta em que os iniciados tentavam salvar-se pela catarse musical, buscando uma harmonia (= junção das partes para reformar-se um todo) e que seria a grande HARMONIA. O que sentiriam pela música representava um pálido reflexo da HARMONIA universal, ou melhor, o próprio Deus.

O culto era feito em nome de BACO, também na concepção de alguns. Mas o certo é que a base do ORFISMO era o εχτασιζ, êxtase, e o ενθουσιασμόσ, entusiasmo. Os iniciados, ao som da flauta, que era o instrumento musical básico, dançavam em círculos buscando o infinito, até caírem desfalecidos, durante o tempo em que houvesse luz (pela manhã, ao meio dia e de tarde), tudo isso significando uma libertação da matéria. À medida que saíam de si, iam recebendo a grande HARMONIA. O êxtase precedia o entusiasmo.

Os adeptos do ORFISMO tinham uma vida bastante ascética, com muita renúncia e privação de determinados alimentos. Acreditavam ser a morte o fato mais belo e esperado para a libertação dos liames do sensível, do sensorial, para mergulharem na HARMONIA universal. Formavam uma elite e estavam sempre cômicos de que só através da música é que o ser humano podia alcançar o prazer espiritual e obter uma catarse completa.

IV – O PITAGORICISMO

Pitágoras foi uma figura histórica. Era filósofo e matemático e na religião foi o fundador do PITAGORICISMO.

Era partidário da metempsicose (doutrina segundo a qual uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos: homens, animais e vegetais), e professava uma elevada e austera moral. Também era um iniciado órfico e sua doutrina nasceu do ORFISMO. Postulava igualmente uma harmonia universal, mas em razão dos números.

A base do PITAGORICISMO, sendo os números, era mais ou menos semelhante ao que vamos mostrar na sua essência filosófica:

1 – constituía a unidade perfeita e era a origem de tudo ou a grande Mônada (DEUS);

2 – era a fecundidade;

3 – era a perpetuação do homem

1

2

3

Em outras palavras, tratava-se da configuração da família, donde: 1 – o pai; 2 – a mãe; 3 – os filhos.

Os números cabalísticos eram 1, 3, 5, 7, que sempre conduziam ao número 1 (DEUS, perfeição universal).

Era uma sociedade igualmente secreta como o fora o ORFISMO e para que na mesma se ingressasse eram necessários requisitos altamente ascéticos. As mulheres eram admitidas, para que houvesse o triângulo.

Em face das idéias de Pitágoras, que era um ditador religioso, os pitagóricos foram muito perseguidos pelo governo, pois queriam imiscuir-se em assuntos de política e administração por se julgarem missionários da grande Mônada. Achavam que o governo tinha que ser apenas um.

Diziam que só se poderia atingir à HARMONIA universal através de três meditações durante o dia.

Desprezavam os bens materiais.

A salvação era o mergulho na grande Mônada, isto é, o número 1. Quem não o conseguisse, reencarnava-se até conseguir. Era, podemos dizer, uma catarse numérica.

Isto significava a grande felicidade e o ponto culminante do prazer espiritual.